



Questionamentos e Reflexões no Exercício Cronístico de Clarice Lispector

Érica Michelline Cavalcante Neiva **1**

Resumo: Este ensaio discute a crônica como um gênero possuidor de autonomia estético-estilística, fato que lhe permite utilizar-se de diversos recursos lingüísticos. Entre eles, está a metalinguagem, um instrumento que possibilita ao cronista interrogar-se e meditar sobre o seu ofício e o seu objeto de trabalho, a crônica. Ao nosso estudo compete imprimir a leitura de algumas crônicas de Clarice Lispector, nas quais ela exercita a metalinguagem como meio de expressar inquietações, questionamentos e dúvidas sobre a sua função de cronista e sobre suas crônicas. Estas crônicas foram publicadas no Jornal do Brasil, de 1967 a 1973. A maioria delas foi reunida, postumamente, no livro *A descoberta do mundo*.

Palavras-chave: autonomia estético-estilística, recursos lingüísticos, metalinguagem, Clarice Lispector.

Abstract: This essay argues the chronicle as possessing a sort of aesthetic-stylistic autonomy, which allows it to incorporate diverse linguistic resources. Among them is the metalanguage, an instrument that makes possible to the chronicler to interrogate himself and to meditate on its craft and its object of work, the chronicle. Our work consists in reading some of the chronicles of Clarice Lispector in which she exercises the metalanguage as a way to express fidgets, questionings and doubts about her job as a chronicler and about her chronicles themselves. These chronicles had been published in Jornal do Brasil, between 1967 and 1973. The majority of them was congregated, posthumously, in the book *A descoberta do mundo* (The discovery of the world).

Key words: aesthetic-stylistic autonomy, linguistic resources, metalanguage, Clarice Lispector.

1 Introdução

A crônica sempre foi exercitada, no Brasil, por escritores. Desde seus primeiros tempos, onde adquiriu autonomia estética, nas mãos do escritor, Machado de Assis, até a chegada do século XXI, com nomes como o de João Ubaldo Ribeiro, grande representante nas letras brasileiras. Nesse ínterim, no entanto, muitos escritores lançaram-se à sua prática - João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, entre tantos outros - integrando um vasto elenco de cronistas.

1 Aluna recém-formada em do Comunicação Social / Jornalismo da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Trabalhou como estagiária no projeto de extensão Produção de Documentários Científicos e também na tese de doutorado da Prof. Dr. Mônica David, Arquivos Históricos On-line, defendida na Facom/UFBA. ericaneiva@bol.com.br

A partir do século XIX, a crônica conquistou uma independência semântica e estética no jornalismo impresso. Isto é, a narrativa cronística apresentou, desde então, várias possibilidades de significados, ficando à mercê das mais diversas compreensões por parte do público leitor. Além disso, o uso de figuras e funções da linguagem, tais como a metáfora, ou mesmo, a poética ou a metalinguagem, são fundamentais para conferir a esta narrativa um espaço singular e autônomo frente aos gêneros que compõem o jornal.

Essa independência estética da crônica permite aos cronistas uma total liberdade nesse campo. Eles utilizam a criatividade e conferem um estilo próprio às narrações. O espaço que lhes é destinado, em alguns momentos, reflete de maneira autêntica as suas concepções sobre as notícias que estão nos jornais, ou seja, o cronista recria e redimensiona os fatos, utilizando-se da denotação.

Em outros momentos, ele trabalha com situações corriqueiras, com o dia-a-dia. Assim, o cotidiano configura-se como matéria-prima para suas crônicas, onde os mais diversos temas - questionamentos, dúvidas e reflexões sobre a vida e sobre o ofício de ser cronista; recordações sobre a infância; descrição de lugares, pessoas e circunstâncias marcantes até à discussão da própria falta de assunto para compor o seu texto - são tratados conotativamente, à luz da imaginação e da criatividade.

A crônica é, sobretudo, fruto de alguém que exercita a sua liberdade ao lidar com um instrumento ímpar, a palavra. Essa mesma palavra é capaz de denunciar a alegria, a tristeza, os medos e as inquietações que invadem a vida do cronista, e também imprimir um estilo, uma maneira singular e única que caracteriza a sua narrativa.

A narrativa cronística, portanto, está aberta a diferentes modos de construção, de significados e de leituras. Esse conjunto de particularidades é criado por cada cronista, ao elaborar seu texto. Um texto que percorre a imensidão da sua própria vida como ser humano e atinge o mundo de outras pessoas. E depois disso, chega às mãos de homens e mulheres que o lêem e o transformam, ao interpretá-lo, tendo como ponto de partida os seus viveres com todos os altos e baixos que lhes são inerentes.

É nesse terreno de singularidades e particularidades que apresentamos uma escritora e cronista que foi abraçada por esta narração, devido à ausência de moldes ou amarras que dificultassem a sua prática. Muitas vezes, ela não soube definir o seu ofício e tantas outras se questionou a respeito do que fazia. Nesse universo de inquietações, interrogações e dúvidas, Clarice Lispector, mostrou-se mais do que nunca como cronista, escritora e ser humano ao público leitor, por meio das suas crônicas.

2 Uma vida talvez explique uma obra

Clarice Lispector nasceu em um continente distante do nosso, em 1920, numa aldeia da Ucrânia, chamada Tchetchelnik. O nascimento aconteceu durante uma viagem de emigração que a família realizou em direção à América. Chegaram ao Brasil quando ela tinha dois meses de idade. Moraram um pouco mais de três anos em Maceió, capital de Alagoas, depois se mudaram para Recife, onde se estabeleceram por dez anos até fixarem residência, no Rio de Janeiro.

A família de Clarice era destituída de posses. O pai foi durante muito tempo mascate, uma espécie de vendedor ambulante. A mãe, muito doente, morreu quando ela tinha sete anos de idade. Mesmo numa vida de privações, ela possuía a alegria e a magia predominantes no mundo infantil. Não tinha muitos amigos, adorava brincar de escolinha e tomar banho de mar com o pai em Olinda. Além de ter uma paixão especial pelo carnaval que tomava conta das ruas de Recife, embora só o observasse do portão do sobrado em que morava.

Alegria maior tomou conta da sua vida, quando nessa época carnavalesca, a mãe de uma amiguinha sua enfeitou-lhe com os restos de materiais que sobraram da fantasia da filha. A irmã frisou-lhe o cabelo, que era muito liso, mas não deu tempo pintar-lhe o rosto, pois, inesperadamente, ela teve que ir às pressas à farmácia comprar um remédio para a mãe, cuja doença piorara bastante. Ela pulou o carnaval, porém, o sentimento de alegria e euforia que tomaram-na no primeiro instante, ao ver sua fantasia de papel crepom, já não fora o mesmo. Alguma coisa havia mudado no seu coração. Talvez um misto de culpa, pela doença da mãe, e de contentamento, por participar da festa.

Outra circunstância ímpar, na sua infância, foram os banhos de mar que ela e a família tomavam em Olinda. Eles saíam de casa bem cedinho, pois o pai acreditava que o banho de mar antes do sol nascer era bom para saúde. A viagem de bonde até a praia era um momento em que Clarice dava asas à sua imaginação, perdia-se em devaneios. Mas, o instante mais importante, sem dúvida, era aquele em que avistava e sentia o cheiro do mar de Olinda. Então, começava o ritual do banho. Esta recordação ela carregaria pela vida inteira.

Um dos primeiros e mais prediletos livros, nesse período, foi *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Entretanto, ela viveu uma intensa saga até que pudesse ter em suas mãos seu objeto de desejo, o livro. Ele era de uma colega sua de escola, filha de um dono de livraria. A menina o prometia constantemente, mas quando Clarice ia buscá-lo, ela inventava desculpas, dizendo há pouco tempo atrás havia emprestado para outra pessoa. E esse sofrimento a consumiu, até o dia em que a mãe da menina emprestou-lhe o livro por tempo indeterminado.

A felicidade de Clarice, ao ter em sua posse o objeto que desejara há muito, dava-lhe uma sensação de torpor. Era como se fingisse que o livro não existia para só depois sentir a felicidade de contemplá-lo e tê-lo em suas mãos.

Aos onze anos de idade, já escrevia histórias com o intuito de serem publicadas na seção infantil do Diário de Pernambuco. Contudo, para sua tristeza nenhuma dessas histórias foram publicadas. Na idade adulta, refletindo sobre esse assunto, Clarice Lispector diz que seus textos, ao contrário daqueles das outras crianças, não começavam com a tão famosa frase era uma vez e refletiam, desde então, os sentimentos, o íntimo das personagens.

Entre as suas amigas destacou-se a de Leopoldo Nachbin que se tornou, posteriormente, um grande matemático. Formaram uma dupla invencível que, segundo a escritora, destacava-se pelas grandes diferenças interiores que possuíam. Quando já adultos, voltaram-se a se encontrar apenas uma vez. No entanto, a mudez desse momento contrastou com os instantes mágicos que viveram na infância e adolescência.

Foi esse universo de sentimentos ora alegres, ora tristes, que marcaram a vida de Clarice em Recife, lugar que amou de maneira profunda e que foi tema de muitos dos seus contos e crônicas, posteriormente publicados. A mudança para o Rio de Janeiro, em 1935, significou uma fase nova para ela e sua família. Foi nesta cidade que Clarice viria a ter uma das profissões que lhe seguiriam pelo resto da vida - a de jornalista.

O jornalismo, desde o princípio **2**

Clarice Lispector em uma crônica sua publicada, no dia 11 de maio de 1968, no Jornal do Brasil declarou: "E nasci para escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo" (Lispector, 1999: 101). Certamente, a palavra esteve desde muito tempo com ela. Talvez desde quando segurou o livro *Reinações de Narizinho*, ainda criança, como se fosse um prêmio, um troféu em suas mãos; até escrever suas primeiras histórias para o Diário de Pernambuco, que nunca seriam publicadas.

E essa palavra perpetuou-se. Em 1940, ainda estudando Direito, no Rio de Janeiro, ela deu início à sua carreira profissional como redatora e repórter na Agência

2 Alguns dados da obra de Clarice Lispector que constam nesse subtópico, *O jornalismo desde o princípio*, foram retirados do Encarte da edição especial dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, números 17 e 18 (dez. 04), dedicada à escritora.

Nacional, órgão do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP - do governo de Getúlio Vargas. Antes de iniciar sua carreira como jornalista, porém, ela teve outros empregos - professora particular de português e matemática, auxiliar num escritório de advocacia e num laboratório.

Ainda em 1940, Clarice Lispector teve pela primeira vez uma entrevista sua publicada com o escritor Tasso da Silveira, na revista *Vamos ler!* de 19 de dezembro. No ano seguinte, escreveu um artigo sobre o direito de punir para *A Época*, revista editada pela faculdade em que ingressara.

É interessante destacar que mesmo escrevendo para jornais ou revistas, ela deixava transparecer em suas matérias características da prosa ficcionista que viria consagrá-la, posteriormente. As fontes do texto jornalístico se transformavam em protagonistas clariceanos, ao se questionarem e refletirem interiormente suas problemáticas.

Vale frisar que, nesse período, ainda não existiam os cursos de jornalismo, os quais só iriam aparecer, em 1947, com a Fundação da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero. Os profissionais que atuavam nessa área, geralmente, saíam dos cursos de direito e, devido à ausência de técnicas jornalísticas, procuravam adotar um estilo próprio na execução de suas matérias; fato tal que também aconteceu com Clarice.

O lançamento do livro *Perto do coração selvagem*, em 1943, deu início à sua carreira de romancista, "O aparecimento do primeiro romance de Clarice Lispector (...) desperta em alguns dos principais críticos um misto de estranhamento, satisfação e surpresa" (MARTINS, p.57). Ela surgiu, nas letras brasileiras, com uma proposta de escrita muito diferente da que predominava, até então. Sua obra é considerada transgressora no sentido de fazer uso peculiar das regras gramaticais; não ter uma preocupação em seguir o conceito de gêneros, assim como de forma ou conteúdo; além de provocar nas personagens toda uma discussão interior, psicológica.

O ano de lançamento do primeiro romance foi o mesmo do seu casamento com Maury Gurgel Valente. Devido à carreira diplomática do marido, em 1944, Clarice Lispector mudou-se para o exterior. Foi um período em que viveu em diversos países - Suíça, Estados Unidos, Itália, entre outros - até 1959, ano em que pôs fim ao seu casamento e retornou ao Rio de Janeiro.

Mesmo quando casada, em 1952, período em que esteve no Brasil, Clarice estreou um novo trabalho no jornal *Comício*: as colunas femininas, com o pseudônimo de Teresa Quadros. Em 1959, já morando no Brasil, com o nome de Helen Parmer, assinou o espaço *Correio feminino* - Feira de utilidades, no jornal *Correio da Manhã*. Paralelamente a esta coluna, sob o pseudônimo de Ilka Soares, ingressou no espaço feminino do *Diário da Noite*.

Sobre o cuidado e a dedicação que Lispector empreendia no trabalho jornalístico, Alberto Dines, editor do jornal *Diário da Noite*, declara que "Esse zelo e toda dedicação de Clarice ao trabalho me fizeram acreditar desde sempre que ela cultivava algum gosto discreto pela colaboração no jornal, embora se tratasse de uma necessidade" (DINES, p.52). A palavra, instrumento da escritora tanto nos jornais quanto na sua atividade literária, representou não apenas um trabalho, mas uma forma de libertação frente ao mundo; uma libertação para o corpo e para o espírito, conforme percebemos na obra da autora.

Para a biógrafa da autora, Nádya Battella Gotlib, era "Impossível, também, viver apenas com os direitos autorais dos livros. Passa, então, a trabalhar como jornalista, para garantir a subsistência (...)" (GOTLIB, p.314). Clarice, portanto, paralelo à sua carreira de escritora voltou a desenvolver a atividade jornalística que começara, na época da faculdade, e a acompanhar até os últimos anos de vida.

Clarice-cronista

Clarice Lispector foi convidada pelo editor Alberto Dines, em 1967, a escrever crônicas, numa coluna semanal do *Jornal do Brasil*, no Caderno B. Ela iniciaria aí, um período de seis anos, como uma cronista que se questiona e reflete sobre os mais variados assuntos, entre eles, o seu novo ofício e o seu objeto de escrita, a crônica.

Uma das maiores preocupações da escritora na sua nova função era o risco de se tornar muito pessoal. Ela tinha medo do tom revelador e, de certa maneira, íntimo, que a crônica tomava nas mãos do seu executor, o cronista. "Como resolver o impasse? Escrevendo coisas pessoais. É o que a narradora faz, apesar de sua indisponibilidade para tal. Embora afirme que quer escapar das memórias, não escapa. E escreve textos autobiográficos justamente quando afirma que não quer desempenhar esse papel" (GOTLIB, p.113). Clarice, em muitas das crônicas, confiou ao leitor fragmentos da sua vida, demonstrando uma grande cumplicidade para com aqueles que apreciavam seus textos no jornal.

Ela imprimiu um aspecto singular às suas crônicas. Ao lê-las, certamente, iremos identificar alguns elementos da sua obra como escritora. São textos em que ela fala de seus sentimentos, da sua vida cotidiana, do período da infância, dos muitos lugares em que morou e também faz comentários de assuntos que constavam no corpo do jornal. Porém, esses assuntos são muitas vezes abordados com uma grande defasagem temporal. Neste sentido, é necessário lembrarmos que o cronista não tem como princípio fundamental, ao contrário do jornalista, uma rígida preocupação com o fator tempo, o qual é moldado segundo as necessidades do seu trabalho.

A respeito do trabalho de Clarice Lispector, no Jornal do Brasil, Alberto Dines afirma: "Nos dois momentos em que trabalhamos juntos, ela teve sempre total autonomia sobre as atividades que exerceu. A verdade é que nunca editei Clarice Lispector - nenhum colunista era de fato "editado" no Jornal do Brasil" [grifo do autor] (DINES, p.52). O espaço cronístico do JB foi, de fato, um lugar onde a escritora pôde se mostrar como ser humano, como uma simples mortal que viveu todas as angústias, inquietações e momentos de felicidade que são tão comuns na vida das pessoas.

Clarice utilizou-se de maneira única da palavra para dar sentido à narração cronística que, aos sábados, podia ser apreciada pelos seus leitores. Suas dúvidas, questionamentos e transtornos também se voltaram para a definição de crônica e para a sua função como cronista. O que seria mesmo a crônica? Que assuntos escrever no jornal? Como redigir esse texto?

Essas questões e problemáticas tão presentes nas crônicas de Clarice Lispector constituíram-se num verdadeiro exercício metalingüístico, no qual a escritora utilizou a linguagem para se interrogar e refletir sobre a própria expressão lingüística em estudo, a crônica, e também sobre o ofício de ser cronista. Assim como Clarice, vários outros cronistas utilizaram-se da metalinguagem em suas narrações.

3 A crônica como um gênero metalingüístico

Achamos que a crônica se caracteriza como um gênero narrativo autônomo com amplitude semântica e estética. Isto é, ela não se constitui num texto fechado, ao contrário, é capaz de apresentar diversos significados, de acordo com as diferentes leituras que são feitas pelo público leitor, capazes de gerar múltiplos discursos. Além disso, ela se destaca por absorver as mais diversas funções - expressiva, metalingüística, poética, referencial, apelativa e fática - e figuras da linguagem - metáfora, paradoxo, metonímia, entre outras.

Esta independência estilística da crônica, através do uso da linguagem das mais variadas maneiras, está ligada ao modo particular adotado por cada cronista, ao elaborar seu texto. Ele tem ao seu dispor uma riqueza de recursos que permitem à sua narrativa estar aberta a vários sentidos, conferindo-lhe uma grande autonomia estética.

As funções da linguagem representam um dos vários recursos utilizados pelo cronista. Dentre as funções que citamos acima, destacamos neste estudo a referencial. Ela é encontrada, sobretudo, nos jornais e procura trabalhar com fatos e informações objetivas a respeito dos acontecimentos.

É importante frisar que o fato de constatar, por exemplo, a referencialidade numa crônica, não quer dizer que ela seja sinônimo de notícia. Ou seja, a narrativa cronística não está aberta apenas a uma função específica da linguagem. Ela pode apresentar em seu corpo mais de uma função sem que, entretanto, a chamemos de notícia, poesia ou outra denominação qualquer. Podemos, sim, dizer que a crônica, entre tantos outros aspectos, caracteriza-se por um teor poético, emotivo ou referencial.

Neste trabalho, porém, nos detivemos ao aspecto metalingüístico da narrativa cronística. Este é o recurso lingüístico de que os cronistas se utilizam para que a crônica tenha como assunto ela própria ou retrate também aquele que a exercita, o cronista. "Esse assunto é o que chamaríamos atualmente de exercício de metalinguagem, ou seja, a crônica que se debruça sobre si mesma, discutindo suas propostas, suas finalidades, sua linguagem, seus assuntos ou falta de assunto, as especificidades do gênero e suas relações com o público leitor" (BENDER e LAURITO, p.17). Assim, o espaço ocupado pela crônica, no jornal impresso, debruça-se sobre a auto-representação do próprio texto que é veiculado.

Muitos cronistas realizaram esse exercício metalingüístico não apenas escrevendo sobre o seu objeto de trabalho, mas também discorrendo sobre a sua própria função. Vários deles já se questionaram a respeito do seu ofício de cronista, expondo suas dúvidas, expectativas, enfim, travando uma discussão filosófica, onde utilizam a própria linguagem para definir os produtos por ela gerados.

Desde o século XIX, essas reflexões metalingüísticas foram lançadas por Machado de Assis até chegar, por exemplo, em Rubem Braga, Vinicius de Mores ou Carlos Drummond de Andrade.

Numa crônica de Drummond chamada *O frívolo cronista*, publicada em 14 de setembro de 1978, no jornal Folha de São Paulo, ele discutiu a sua função de cronista e uma suposta frivolidade ou superficialidade da crônica, que para o autor, podiam tornar-se úteis, na medida em que representavam a simplicidade do cotidiano:

O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigerio, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade (...). Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida. No caso mínimo da crônica, o auto-reconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranqüilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes (...) ditar normas aos senhores do mundo (...). Contratou-me e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-la. (Apud BENDER e LAURITO, pp. 26-27).

Acreditamos que Drummond se refere à inutilidade da crônica num sentido figurado, pois o homem se assoberba de tantas responsabilidades, compromissos, enfim, obrigações, que o deixam incapaz de enxergar as coisas simples da vida. As suas preocupações tomam tamanha proporção que ele talvez esqueça de se olhar como ser humano, questionando e refletindo sobre a simplicidade do cotidiano - o sorriso de uma criança; a saudação de um amigo ou mesmo a luminosidade de um dia de verão - e sobre os seus próprios sentimentos. A inutilidade é deixarmo-nos permitir enxergar situações corriqueiras, do dia-a-dia, com o olhar de aprendizes.

Com relação ao seu ofício de cronista, Drummond parece desprever-se de qualquer tipo de obrigação formal ou rígida, uma vez que a crônica se configura como uma narração, onde seu autor tem total liberdade ao escrevê-la. Mas, ao mesmo tempo, em que ele se exime dessa obrigação, ele cria um espaço no seu texto em que a realiza de outra forma. Ou seja, ele como cronista compromete-se, sim, com a realidade social, econômica ou cultural do país. No entanto, o seu maior empenho está em apresentar e discutir aspectos peculiares desta realidade, de uma maneira humanizada e crítica, não possuindo nenhum compromisso com a objetividade jornalística que verificamos em outros espaços do periódico.

A função metalingüística nos permite, assim, adentrarmos num universo profundo de amadurecimento com relação à crônica, pois possibilita novas discussões e reflexões sobre o seu papel enquanto narrativa que se propõe trabalhar a realidade de forma particular, exteriorizando aspectos que, geralmente, não são retratados ao longo do jornal.

O cronista também pode utilizar a metalinguagem para questionar-se e meditar sobre o seu ofício. Estas reflexões e inquietações vêm desde Machado de Assis e, certamente, são uns dos motivos responsáveis pela perpetuação desses contadores das mais inimagináveis histórias, por lhes permitirem uma maior vivência sobre o ato de escrever.

A crônica, portanto, configura-se como um gênero com autonomia estética, pela sua intensa carga semântico-discursiva e, conseqüentemente, pela sua capacidade de trabalhar os diferentes temas com os mais diversos recursos lingüísticos, produzindo uma pluralidade de sentidos que convém a cada um desvendar e vivenciar.

A multiplicidade dos discursos cronísticos

Como vimos, ao longo deste estudo, a autonomia estética da crônica a permite trabalhar com muitos recursos lingüísticos e de significados. São esses sentidos observados, na narrativa, capazes de gerar vários discursos. Cada leitor ou pessoa que se pretenda analisar a narrativa cronística tem a possibilidade de fazer diferentes leituras, produzindo infinitos discursos.

O discurso é uma prática de linguagem que permite ao texto está em constante movimento, transformando-se sempre. "E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem (...)" (ORLANDI, p.15). O discurso se caracteriza, portanto, pela agilidade de sentidos que empreende ao seu objeto de estudo.

É interessante destacar, porém, que ao efetivarmos a leitura ou a análise de um texto, devemos ficar atentos ao contexto social e histórico no qual ele foi produzido, pois, certamente, ele influenciou de forma direta ou indireta o seu autor. Também é importante observarmos o fato de que qualquer análise de discurso produzida possui, no seu interior, as marcas da subjetividade de quem a realizou.

A leitura de um texto deve gerar, assim, discursos que não se tornem prisioneiros de formas preconcebidas e fechadas de análise. Eles devem estar abertos ao relacionamento com outros discursos, capazes de enriquecer-lhes os significados. "(...) não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam (...). Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso" (ORLANDI, p.39). A inter-relação entre os mais variados discursos produz uma multiplicidade de sentidos capaz de enriquecer a análise de qualquer texto.

A crônica com a sua autonomia estético-estilística é provida de uma riqueza discursiva, uma vez que podemos lhe imprimir uma leitura polissêmica, ou seja, uma leitura que se caracteriza pela possibilidade de lhe atribuir os mais diferentes significados.

Assim, uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, lida por duas pessoas, causará diferentes reações em ambas. Os significados construídos originarão discursos particulares. E, provavelmente, esses discursos produzidos sobre esta narrativa sofrerão a influência de tantos outros discursos preexistentes no conhecimento de mundo desses leitores.

No caso específico da crônica, este discurso pode ser influenciado pelos variados recursos lingüísticos, entre eles as funções da linguagem. No fragmento da crônica *O frívolo cronista* de Drummond, vista anteriormente, pudemos perceber o sentido metalingüístico que ela apresentou. Daí, os sentidos que provêm da autodiscussão da crônica ou da função do cronista originarem um discurso metalingüístico. Assim, como poderia ser expressivo, poético ou referencial, a depender da função lingüística predominante na narração.

O discurso metalingüístico será de fundamental importância, pois o nosso estudo tem como objetivo discutir e analisar as crônicas da escritora Clarice Lispector, nas quais ela utiliza recursos metalingüísticos, propondo questionamentos e reflexões a respeito da crônica e do cronista. Os discursos produzidos a partir da análise dessas crônicas representam apenas uma, entre infinitas possibilidades, de se criar sentidos e significados a uma narrativa tão diversificada e singular como a crônica.

4 O discurso metalingüístico nas crônicas de Clarice Lispector

Clarice Lispector trilhou, concomitantemente, os caminhos da literatura e do jornalismo. A sua palavra ganhou forma e sentido, no exercício desses dois campos, que por vezes se aproximam e se autocomplementam. As crônicas que ela escreveu para o Jornal do Brasil, de 1967 a 1973, ocuparam um espaço onde a liberdade inerente ao ofício do cronista a possibilitou redigir textos, que muitas vezes não sabia, se podiam ou não, serem classificados como crônicas.

Não há, geralmente, regras para um cronista seguir e, diante dessa abertura do gênero, Clarice Lispector ousou publicar no JB (Jornal do Brasil), desde coisas da sua vida pessoal, até textos representantes da sua literatura, conforme afirma Nádía Battella Gotlib:

A jornalista não só assina seu próprio nome, Clarice Lispector, como nesses textos trata diretamente de si mesma: dos filhos, da casa, da cidade (...). E, embora afirme não ser esta a sua intenção, insere também um passado seu, inclusive literário, através de textos diversos que já produziu e publicou anteriormente: contos, crônicas, capítulos ou trechos de romances. (GOTLIB, p. 375).

A escritora, no seu papel de cronista, usou do mesmo livre-arbítrio que é característico de sua obra literária. Ele não se prendeu a conceitos de forma, conteúdo ou gênero, mas, simplesmente, teve a coragem de imprimir na sua coluna do JB um estilo pessoal e introspectivo, que é a marca da sua escrita.

A maioria das crônicas que Clarice Lispector escreveu para o JB, durante sete anos, foram reunidas, postumamente, no livro *A descoberta do mundo*. Em meio às diversificadas narrativas cronísticas produzidas, nós nos ateremos àquelas em que a escritora se utilizou da metalingüagem para expressar dúvidas, questionamentos e reflexões sobre a crônica e sobre o ofício de cronista. "O exercício da ficcionista diante da crônica é quase sempre levado no plano metalingüístico" (Encarte Cadernos de Literatura Brasileira, 2004: 8). Aí Clarice expõe, assim como na função de escritora, todas as interrogações que provêm de momentos de inquietação e angústia sobre o ato de escrever.

A palavra situa-se em dois extremos opostos para Clarice. Ao mesmo tempo em que ela representa um instrumento de libertação, ela produz incertezas e dúvidas. Mas, é certamente, esse equilíbrio de sentimentos que faz com que as palavras da autora nos atinjam profundamente. É difícil ficarmos indiferentes a elas, pois parecem ter sido redigidas para nos levar a pensar e meditar sobre nós mesmos. Provavelmente, ela obteve êxito junto a vários leitores do JB, já que era respeitada e amada por muitos deles.

A leitura e análise das crônicas de Clarice Lispector a que nos empreenderemos, provavelmente, produzirão significados e sentidos capazes de formular um discurso metalingüístico. Ele, dificilmente, estará isento da personalidade de quem o analisa, pois todo discurso é produto de um contexto que vai além daquele da obra, e acaba se misturando com o mundo do sujeito que se predispõe a essa leitura.

Não nos esquecendo que essa leitura representará apenas uma, em meio às infinitas possibilidades de significados, que podemos observar numa crônica. "Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição" (Orlandi, p.64). Assim, qualquer discurso formulado fará parte de universo mais amplo, onde os mais diferentes discursos coexistem e se influenciam mutuamente.

Ler Clarice Lispector é estar atento aos sinais que ela nos emite o tempo todo. Sinais que nos levarão a refletir e nos questionar, principalmente, sobre nós mesmos e os nossos sentimentos. Ler Clarice Lispector é também compreender os sinais de uma mulher que como qualquer um de nós esteve à procura de uma vida mais feliz.

Lendo Clarice Lispector

As crônicas, às quais nos dispusemos fazer uma leitura, foram retiradas do livro *A descoberta do mundo* que reúne, a maioria dos textos, que Clarice Lispector escreveu para o JB. Ilustraremos apenas os fragmentos de algumas dessas crônicas, nas quais a autora realizou um exercício metalingüístico, exteriorizando suas dúvidas e reflexões sobre a crônica e sobre a função de cronista, atividade que exerceu durante sete anos no jornalismo impresso.

• Amor imorredouro 3

Numa das primeiras crônicas que Clarice Lispector escreve para o JB, *Amor imorredouro*, ela discute temas que serão recorrentes ao longo do seu trabalho como cronista. Entre eles, destaca-se a sua preocupação em se tornar pessoal, ao assinar seus textos na coluna; o seu dilema sobre quais assuntos veicular ou mesmo a sua dúvida sempre constante sobre a natureza do que escreve, achando que não pode ser denominado exatamente de crônica:

Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. E, além de ser neófito no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, po-rém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma (...).

Só que, sendo neófito, ainda me atrapalho com a escolha dos assuntos.

A escritora, ao começar a sua função de cronista na coluna de sábado, já inicia expondo suas dúvidas, inquietações e medos. O medo em se tornar pessoal, em escrever para ganhar dinheiro. A dúvida sobre os assuntos que deve escolher e sobre a classificação do seu texto, o qual em todo o seu período como cronista, não chega a considerar propriamente crônica.

Estes sentimentos da autora não se mostram como algo isolado, como um grito único. Como vimos, anteriormente, é comum que o cronista manifeste suas incertezas com relação ao seu objeto de trabalho e ao seu ofício. A metalinguagem mostra-se aí como um elemento importante, ao possibilitar que os recursos lingüísticos venham trazer uma reflexão mais profunda sobre o assunto.

Se Clarice acha que não é exatamente crônica a sua produção jornalística, talvez não soubesse que a autonomia estética dessa narrativa dá ao cronista uma grande liberdade ao executá-la. Mas, ao mesmo tempo, é essencial verificarmos o quanto é enriquecedor percebermos o cronista como uma pessoa comum, mostrando-se com todas as suas falhas e questionamentos. Tornando-se, assim, mais próximo do leitor.

Esse tornar-se mais próxima do leitor verifica-se não por uma possível fragilidade, mas sobretudo pela escritora mostrar-se humana - comum, no momento em que suspeita, re-avalia, inquieta-se, sente dificuldade em escolher. Tais atitudes revelam preocupações profundas, as quais envolvem uma reflexão sobre o ato de escrever indissociável do próprio ato de viver, que é: puro questionamento.

• Adeus, vou-me embora! **4**

Clarice Lispector apresenta nesta crônica, de maneira leve e doce, o quanto se sente feliz no ofício que exerce. Ela fala do carinho com que é tratada pelos seus leitores e da satisfação que lhe traz, novamente, o exercício de ser jornalista:

Sou uma colunista feliz. Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe. Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados. E escrever a espécie de crônica aos sábados tem me trazido mais amor ainda. Sinto-me tão perto de quem me lê. E feliz por escrever para os jornais que me infundem respeito. Só me ocorre o nome de três ou quatro cronistas mulheres: Elsie Lessa, Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queirós, eu. (...) escrever para um jornal é uma grande experiência que agora renovo, e ser jornalista, como fui e como sou hoje, é uma grande profissão. O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória (Lispector, 1999: 94-95).

A autora nos indica, por meio deste trecho da crônica, o quanto é significativo para ela como cronista, escritora e ser humano o contato com a palavra. Esse contato que se amplia, ao atingir os leitores, os quais se sentem tocados com os textos que ela publica no JB.

A palavra, portanto, seja ela no jornalismo ou na literatura tem o papel de possibilitar a Clarice o seu contato com o mundo. E a resposta desse público leitor, através de gestos amáveis e delicados, traz um sentimento de contentação e felicidade para a cronista.

Assim, o jornalismo e a literatura, atividades paralelas na vida da escritora, são duas áreas que se aproximam, "(...) efetiva-se um intercâmbio de recursos entre tais modos de trabalhar a linguagem - o literário e o jornalístico - que se autocomplementam" (GOTLIB, p.156). A palavra liga esses dois mundos e permite à Clarice expor seus momentos alegres e de descobertas para serem reconstruídos e reelaborados pelo leitor atento.

• Ser cronista **5**

O recurso metalingüístico sempre foi utilizado por Clarice Lispector. Seja na sua obra literária, trazendo meditações e questionamentos sobre o modo de escrever. Seja como cronista, interrogando-se sobre o seu objeto de trabalho, a crônica, ou mesmo refletindo sobre o seu ofício de cronista:

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender. Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?

4 Crônica publicada em 20 de abril de 1968; p. 94-95.

5 Crônica publicada em 22 de junho de 1968; p. 112-113.

Clarice começa a crônica, afirmando que não exerce o papel de cronista. Talvez a autora, às vezes, fuja um pouco dos rótulos que lhe são impostos ao longo da carreira - literata e cronista, por exemplo - como uma forma de lutar e buscar a tão almejada liberdade criadora na escrita, a qual é sinônimo de vida para Clarice Lispector. "Clarice opunha o seu escrever à *literatura*, que considerava uma atividade profissional. Tal resistência se explica, talvez, pelo fato de que ela se negava a separar o escrever do viver, como sugere em vários textos seus" [grifo do autor] (JÚNIOR, p.10). Provavelmente, o escrever e o viver estão tão próximos que se torna impossível para Clarice separá-los. Assim, a profissionalização da sua escrita seria um modo de afronta aos seus valores, à salvação que sempre procurou através da palavra.

Na mesma narrativa acima, a escritora se questiona sobre o que seria a crônica. Certamente, a crônica pode estar veiculada a todos elementos que Clarice elenca - relato, conversa, estado de espírito -, assim como pode não ser nenhum deles, ao configurar-se de outra maneira, pois não existem regras para a este texto. O mais importante nele talvez sejam as particularidades e modo singular de cada autor criá-lo. E, sem dúvida, as crônicas de Clarice, nesse sentido, são ímpares.

No trecho abaixo da mesma crônica, a cronista retoma a sua preocupação em se tornar pessoal na sua coluna e se interroga sobre a alternativa de imprimir mudanças no seu texto:

E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isto é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? fazer passar uns minutos de leitura?

Os questionamentos de Clarice sobre a possibilidade de imprimir mudanças na sua forma de escrever para jornal são interessantes, na medida em que a cronista expõe supostas finalidades e características da narração cronística - diversão, passatempo, leveza -, para de certa forma mostrar sua aversão à imposição de formas pré-concebidas no ato de escrever.

• Fernando Pessoa me ajudando 6

A crônica, pela sua natureza libertária, permite ao seu executor tratar dos mais variados assuntos que permeiam o cotidiano. Mas, entre tantos desses assuntos, é muito comum que um deles em pauta, constantemente, seja o cronista falar de si próprio como profissional ou mesmo como pessoa. O que causa em muitos deles um certo receio, um medo que persegue Clarice Lispector:

Noto uma coisa extremamente desagradável. Estas coisas que ando escrevendo aqui não são, creio, propriamente crônicas, mas agora entendo os nossos melhores cronistas. Porque eles assinam, não conseguem esca-par de se revelar. Até certo ponto nós os conhecemos intimamente. E quanto a mim, isto me desagradava. Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha. Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal.

No final desse fragmento, é interessante observar na cronista um dos seus traços mais fortes, tanto no jornalismo quanto na literatura, a personalidade. O estilo de Clarice é inconfundível. É singular nos seus questionamentos e nas suas dúvidas, o que podemos perceber após a leitura de algumas de suas crônicas. Ela

6 Crônica publicada em 21 de setembro de 1968; p. 136-137.

percorre um círculo e, nesse caminho, torna-se impossível não se revelar, não se mostrar como cronista, como escritora, como uma mulher que tem, nas atividades simples do cotidiano, a fonte de sua inspiração.

Revelar-se é, portanto, um traço peculiar em Clarice. Talvez o fato da sua escrita está tão, intimamente, ligada à sua vida faz com que as palavras representem uma forma de libertação. A escrita proporciona à Clarice a oportunidade de mostrar-se como realmente é, tirando todas as máscaras que a impeçam de penetrar no seu inconsciente. Assim, a máquina de escrever, utilizada nas atividades do dia-a-dia, constitui-se num instrumento confessor, que lhe facilita apresentar a sua verdadeira identidade; uma identidade que é compartilhada com os leitores através das suas crônicas.

7

Crônica publicada em
29 de maio de 1971

• Máquina escrevendo **7**

A palavra revela-se como elemento fundamental para Clarice Lispector. Mas, na fronteira com a palavra está o silêncio, que também é um elemento da linguagem perseguido por ela. Assim, a cronista preza pelo não-dizer, pelo não-escrever como livre expressão dos sentimentos:

Sinto que já cheguei quase à liberdade. A ponto de não precisar mais escrever. Se eu pudesse, deixava meu lugar nesta página em branco: cheio do maior silêncio. E cada um que olhasse o espaço em branco, o enche-ria com seus próprios desejos.

Clarice sugere aí um espaço em branco, um espaço sem denominações ou conceitos, que talvez represente um espelho capaz de refletir os sentimentos e os desejos que, em certos momentos, se sobrepõem às palavras. O espaço em branco da crônica também pode significar para a escritora a impossibilidade de escrever certas coisas. Então, o melhor assunto que a crônica poderia produzir seria o silêncio, o não-dizer em contraposição ao sentir.

No próximo trecho da mesma crônica, a cronista mais uma vez tem dificuldade em definir o que tem feito para o JB, naqueles últimos anos. Ao passo que tenta eximir os textos que escreve para o jornal de qualquer classificação:

Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gênero. Gêneros não me interessam mais. Inte-ressa-me o mistério.

Talvez Clarice não quisesse mesmo chamar seus textos de crônicas, não os incluindo numa possível sistematização. Talvez não lhe interessasse a discussão de que a crônica é um gênero jornalístico ou literário. Ela queria, sim, escrever sem preocupações metodológicas ou categóricas. Simplesmente, escrever. Mas, é claro, que todas essas questões lhe preocupavam e eram trazidas constantemente à tona. Mostrar suas inquietações e dúvidas, no espaço jornalístico, demonstrou serem as crônicas de Clarice um importante instrumento, capaz de exteriorizar os mais ambíguos sentimentos que podem tocar qualquer um de nós.

8

Crônica publicada em
5 de junho de 1971

• Viajando por mar (1ª parte) **8**

A metalinguagem se mostra mais uma vez um recurso de fundamental utilidade, ao cronista, no momento em que ele se propõe a questionar sobre o exercício da sua profissão:

Nota: um dia telefonei para Rubem Braga, o criador da crônica, e disse-lhe desesperada: "Rubem, não sou cronista, e o que escrevo está se tornando excessivamente pessoal. O que é que eu faço?" Ele disse: "É impossível, na crônica, deixar de ser pessoal." Mas eu não quero contar minha vida para ninguém: minha vida é rica em experiências e emoções vivas, mas não pretendo jamais publicar uma autobiografia. Mas aí vão minhas recordações de viagem por mar.

Clarice Lispector não apenas nessa, mas em outras crônicas, refere-se a Rubem Braga, amigo e exímio cronista, ao sentir suas dúvidas e angústias. Mais uma vez ela se queixa do fato das suas crônicas estarem se tornando muito pessoais, no entanto, é interessante percebermos que, ao passo em registra sua queixa, começa a narrar fatos autobiográficos: as suas viagens além mar.

Parece-nos que as contradições, os paradoxos são essenciais nas crônicas da escritora. Ao mesmo tempo em que diz não querer transformar o seu espaço no jornal numa biografia, ela cede aos seus pressupostos e se deixa levar, talvez, pelo seu real desejo, o desejo de ser ela mesma. O desejo de escrever além de formas, conteúdos ou gêneros.

9

Crônica publicada em
18 de setembro de 1971.

• Trechos 9

O trecho, citado em seguida, constitui-se numa espécie de protesto de Clarice Lispector às críticas negativas que Rubem Braga atribui às suas crônicas. Ao mesmo tempo, ela declara a sua humildade ao praticar esse exercício cronístico:

Uma pessoa me contou que Rubem Braga disse que eu só era boa nos livros, que não fazia crônica bem. É verdade, Rubem? Rubem, eu faço o que posso. Você pode mais, mas não deve exigir que os outros possam. Faço crônicas humildemente, Rubem. Não tenho pretensões. Mas recebo cartas de leitores e eles gostam. E eu gosto de recebê-las.

Já vimos anteriormente, que a literatura e o jornalismo se relacionam na carreira profissional de Clarice. Seria muito difícil separarmos a escritora da jornalista, "De fato, Clarice não deixa de ser escritora nem quando escreve nos jornais, na qualidade de jornalista-escritora. Talvez esse dado pudesse explicar não propriamente o seu defeito enquanto jornalista, mas a especificidade da qualidade literária de tais crônicas ou fragmentos" (GOTLIB, p.317). Independentemente da área de atuação, a introspecção, a pessoalidade e o intimismo adjetivam a obra de Clarice Lispector. Ela sempre se mantém fiel ao seu modo de escrever.

10

Crônica publicada em
29 de julho 1972.

• Escrever para jornal e escrever livro 10

A escritora começa esta crônica falando de uma ambição sua - a de ser uma boa jornalista, sem precisar sacrificar a sua literatura -, entretanto, confessa o seu temor que talvez decorra do fato do jornalismo trabalhar com a produção de informações em série. Esse uso tão constante e mercadológico da palavra, provavelmente, lhe causa desconforto:

Hemingway e Camus foram bons jornalistas, sem prejuízo de sua literatura. Guardadíssimas as devidas e significativas proporções, era isto o que eu ambicionaria para mim também, se tivesse fôlego. Mas tenho medo: escrever muito e sempre pode corromper a palavra. Seria para ela mais protetor vender ou fabricar sapatos: a palavra ficaria intata. Pena que não sei fazer sapatos.

Clarice e a palavra. A palavra e Clarice. Os dois sempre estiveram juntos. Desde as histórias que a autora escreveu quando pequena, endereçadas ao Diário de Pernambuco, e que nunca foram publicadas. Entretanto, ela persistiu e continuou usando a palavra que se tornou sinônimo de liberdade. A liberdade criativa. A liberdade de alguém que tem medo de macular, de corromper o instrumento que presenciou e traduziu toda uma vida. Dessa maneira, Clarice Lispector afirma:

Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender (...). 11 (Lispector, 1999)

11

Crônica publicada em
4 de outubro de 1969.

O ato de escrever é uma necessidade que impregna os mais recônditos sentimentos de Clarice. Tal ato, porém, deve estar dissociado de rótulos ou denominações incapazes de revelar uma autora, cujas preocupações ultrapassam a rigidez literária ou a imparcialidade jornalística. Assim, talvez fosse melhor chamá-la de Clarice não-escritora, não-jornalista, não-cronista. Simplesmente, Clarice. Certamente, nenhuma profissão seria capaz de abarcar os significados de uma vida tão profunda, sentida até a última gota. Nem o jornal, como veículo propagador de objetividade, foi capaz de moldar os textos da autora. Ao contrário, na coluna do JB, ela deu-se a conhecer de forma ampla, humana, completamente, reveladora.

5 Referências Bibliográficas

BENDER, Flora e LAURITO, Ilka. *Crônica - história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione. Col. Margens do texto, 1993.

DINES, Alberto. Laços de família e outros laços. In: *Cadernos de Literatura Brasileira - Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

JUNIOR, Arnaldo Franco. Clarice Lispector e o Kitsch. In: *Stylos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP*. São José do Rio Preto: UNESP, 2000.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Amor imorredouro, crônica publicada em 09.09.67. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 29.

Adeus, vou-me embora, crônica publicada em 20.04.68. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 94-95

Ser cronista, crônica publicada em 22.06.68. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 112-113.

Fernando Pessoa me ajudando, crônica publicada em 21.09.68. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 136-137.

Máquina escrevendo, crônica publicada em 29.05.71. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 347.

Viajando por mar, crônica publicada em 05.06.71. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 349.

Trechos, crônica publicada em 18.09.71. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 377.

Escrever para jornal e escrever livro, crônica publicada em 29.07.72. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 421.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. Clarice e a crítica. In: *Revista CULT*, dezembro de 1997.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso - Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.